

**ANNE CAROLINE SILVA MARTINS**

**O ESPELHO DE EMOÇÕES: EXISTIR EM LIBERDADE**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE**

**BRASÍLIA, DF**

**2014**

**ANNE CAROLINE SILVA MARTINS**

**O ESPELHO DE EMOÇÕES: EXISTIR EM LIBERDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a amigas e amigos, incluindo a banca Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob orientação da Professora Doutora e companheira Patrícia Lima Martins Pederiva, como requisito parcial e insubstituível para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

**BRASÍLIA – DF,**

**2014**

## **FICHA CATALOGRÁFICA**

MARTINS, Anne Caroline Silva Martins.

Ensaio Poético – O espelho de emoções: Existir em Liberdade./Anne Caroline Silva Martins. Brasília: UnB. 2014.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade de Brasília, 2014.

Orientadora: Patrícia Lima Martins Pederiva

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**ANNE CAROLINE SILVA MARTINS**

### **O ESPELHO DE EMOÇÕES: EXISTIR EM LIBERDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Comissão Examinadora constituída por:

**Professora Dra. Patrícia Lima Martins Pederiva (Orientadora)**

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

**Professora Dra. Maria Alexandra Militão Rodrigues (Examinadora)**

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

**Professora Dra. Fátima Lucília Vidal Rodrigues (Examinadora)**

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

**Professor MSC. Augusto Charan Alves Barbosa Gonçalves (Examinador)**

Conservatório de Música e Arte de Brasília

**Brasília – DF, 02 de Dezembro de 2014**

## DEDICATÓRIA

Como sinônimo de dádiva

Dou a minha expressão para você pensar

Gratidão a todas e todos os seres

Pois me ajudam em vários momentos para eu conseguir compreender e transformar

Pelo menos nas palavras, que não são tudo, mas uma parte na complexidade

Do que me sustenta em cada olhar

Num substantivo feminino plural, mas singular

## RESUMO

Através de um Ensaio Poético, este trabalho indaga sobre o desenvolvimento das Educações Libertárias a partir, primeiramente, de uma exposição das emoções por meio de poesias, nas quais estão intrínsecas aos processos de desenvolvimento das relações humanas. Posteriormente, se faz uma análise sobre a fenomenologia e ontologia da Anarquia dentro dos processos educacionais, dialogando com autores e autoras como Vygotsky e Ivan Illich, filmes como “Escolarizando o mundo” e “Quando sinto que já sei”, zines como “Gestão de espaços autônomos” e “Mulheres Anarquistas”, cantores como Raul Seixas, buscando os fenômenos ligados a Anarquia para compreensão da existência em Liberdade. Em seguida, o trabalho é contextualizado pelos os ambientes “Fundão da FE1”, e no LAMCE (Laboratório de Arte, Música, Cultura e Educação) nos quais foram observadas e percebidas, em períodos diferentes, tais práticas libertárias.

**PALAVRAS-CHAVES:** Ensaio Poético. Educações Libertárias. Anarquia.

**SUMÁRIO**

Memorial de Sorvete.....	8
A justificativa por dar asas às imaginações e as emoções.....	12
O espelho de emoções: Existir e Liberdade – Existência e Morte.....	16
Narrativa 1.....	18
Existência.....	19
Morte.....	22
Covardia e Liberdade.....	23
Covardia.....	26
Liberdade.....	27
Amor, Medo e Vontade.....	32
Medo.....	35
Angústia.....	38
Vontade.....	39
Amor.....	43
Fenomenologia Existencialista da Anarquia.....	46
Anarquia.....	54
Narrativa 2.....	62
Ignorância.....	62
Narrativa 3.....	65
Autoridade.....	65
Narrativa 4.....	67
A Escola.....	67
Narrativa 5.....	72
Fundão da F1.....	72
LAMCE.....	75
Referências e Inspirações.....	78

## Memorial de Sorvete

Como sorvete eu agora apareço

Como forma que se adapta ao contexto

Enrijecendo ao frio

Quando não convivo com o que pode me aquecer

Ficando firme quando preciso ser

Modificando o que me segura

Derretendo no calor

Me misturando nas composições das desventuras

Espero que dure o que a consistência permitir

Espero que endosse a gostosura de ler

Espero que derreta o gelo de um pensamento formado

Espero que tenhamos casquinhas para contar

Espero que caiam gotas de saber onde a gente menos espera

Espero que não fiquem satisfeitas e busquem provar mais

Espero que tentem fazer outro sorvete

Espero que nessa tentativa amem muito mais

Lá vem eu, indo aonde a lua nasce todos os dias

Eu também quero nascer novamente diferente a cada dia

Todos esses momentos sinto a Vontade<sup>1</sup> de produzir para totalidade de ser

Como sol, quero me alimentar de mim mesma

Como produzir com criação na reprodução coletiva?

Me encontrarei junto às estrelas

Para vagar no encanto da fantasia

Onde se pode imaginar é aonde se pode compreender

Onde se pode materializar a emoção é aonde se acha espaço para desenvolver

Aonde se sabe que pode aterrissar é aonde se gostaria de ficar para continuar a mudar

Onde se sente a presença do Medo<sup>2</sup> da Morte<sup>3</sup> é um novo desafio a encarar

Onde se presencia Angústia<sup>4</sup> e Amor<sup>5</sup> é por que tem a certeza de sua Existência<sup>6</sup>

Aonde não se torna “se”, sem lados ficamos para recorrer

Pois a vida exige movimento diversificado para as condições de sobreviver

E toda sobrevivência tem riscos e rabiscos<sup>7</sup>

Aonde não se tem Amor não se têm a alavanca das utopias

Aonde não se tem utopia não se tem Liberdade<sup>8</sup> para criação

Aonde não se cria não se vive

---

<sup>1</sup>Ibdem. p. 35-37.

<sup>2</sup>Ibdem. p.31-33.

<sup>3</sup>Ibdem. p.21.

<sup>4</sup>Ibdem. p. 34.

<sup>5</sup>Ibdem. p. 38-39.

<sup>6</sup>Ibdem. p. 19-20.

<sup>7</sup>GALLO, Sílvio D. de Oliveira. Educação Anarquista: por uma pedagogia do risco. Dissertação de Mestrado Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1990.

<sup>8</sup>Ibdem. p. 26-27.

Aonde não posso ser mulher<sup>9</sup>, não posso ser, não posso ser além de mim, não posso ser de fé sem religião, não sou livre

Aonde se pode experimentar é aonde se dá o alívio de respirar

Dentro também da contingência de pensar

O que provoca e incomoda, mas não com feridas que não se fechem, constituindo assim uma nova pele para se desfrutar

O que não limita a compreensão

Nos da Liberdade para compreender a própria limitação

Assim estou indo ao encontro de um eterno espelho de reflexões

A cada sinal se abre uma porta da percepção

Entram, ficam e saem às preciosas impressões do real coletivo em minha realidade particular

Lá vai a vida nadando e mergulhando fundo do céu ao mar

Em meu pensamento, o corpo é a continuidade do mundo que nos faz brilhar

A cada ar respirado é uma fonte para se imaginar

Imaginação essa que se mefaltar é chegada à outra hora da Morte

Morte a falsa livre espontaneidade de se viver para criar

Pois é preciso se esforçar

Descubro isso em todos os momentos em que espero a vida passar

---

<sup>9</sup>SOF, Sempre Viva Organização Feminista. Cuidado, trabalho e autonomia das mulheres / Nalu Faria (org.), Renata Moreno (org.). São Paulo: SOF, 2012. 92p. (Coleção Cadernos Sempre Viva. Série Economia e Feminismo, 2), passim.

Por todas as vezes que deixei de dialogar sobre o que acreditava  
Por todos os silêncios que foram engolidos por vozes mais altas  
Por todas as pessoas maravilhosas que conheci apenas saindo do lugar  
Pelas artes aprendidas que me deram ritmo para o entendimento  
Pelas bocas divididas que juntaram seus sofrimentos  
Pelas substâncias de paz que alegraram o meu sustento  
Pelas regularidades de ombros oferecendo companhia  
Pelo exercício com criatividades para sair e entrar com imaginação nas fantasias  
Mas o espontâneo não entra na porta de quem não abre  
E essa abertura precisa ser reconhecida  
E abrirá com prática de alteridade  
Com solidariedade e outras divindades  
A saída se torna uma nova entrada para quem a trilhou e olhou para si com sensibilidade  
E esse tanto que se pode extrair de dentro, tudo isso significa Educações  
Me interessei em continuar existindo por essas motivações

### **A justificativa por dar asas às imaginações e as emoções**

A imaginação hoje, para muitas pessoas do mundo que observo, está presa às contradições utilitárias, como o uso de um computador que não se sabe como foi feito, nem porque e nem aonde, e ainda sim sabemos utiliza-lo, mas muitas de nós não sabem criá-lo. Isso nos torna dependentes de uma produção que não nos envolve em seu processo de elaboração e achamos até comum não ter esse contato. As consequências desse usar ficam limitadas por essa lógica impositiva que não podemos mudar em estrutura. Como mudar a estrutura de um computador para alterar seu uso se você não conhece seu processo?

Assim nos envolvemos em várias situações na vida, sem questionar suas estruturas e processos, pois não nos sentimos com possibilidade de imaginar as situações que emergem a criação. Essa possibilidade é podada pelos nossos laços de convivência<sup>10</sup>

Vejo como driblar isso contestando as funções dessas existências dadas como prontas, e às vezes reproduzindo a própria criação, antes dela se cristalizar<sup>11</sup> como fim na reprodução, através de uma alteridade do criar em nova cristalização. Ou seja, na produção de uma poesia coloco as palavras já conhecidas, reproduzidas e interpretadas por mim, mas as combino de uma forma diferente. Sendo assim, tanto esse processo de elaboração quanto o resultado já não vão ser o mesmo, pela própria diferença empregada das palavras e pela noção da troca de sentidos que elas podem ter.

É sempre difícil, nunca fiquei satisfeita por completa, mas sinto que é necessário, sinto que isso gera possibilidades, sinto que todas/os seres compreensíveis<sup>12</sup> ou não, podem tanto quanto eu, mesmo em interpretações diferentes, ter a presença de Liberdade.

Comigo, te convido a se orientar com poesia

---

<sup>10</sup> Ibidem. p. 46.

<sup>11</sup> VIGOTSKI, Lev. S. Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico. Apresentação e comentários de Ana Luiza Smolka. Tradução de Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009. passim.

<sup>12</sup> Ibidem. p. 40.

Pois nela sintonizo a sensibilidade do dia a dia

Tentando expressar a integração em totalidade de algumas veracidades

O que pode te fazer refletir em vivências e teorias

Como falar de ciência e não falar de sentimentos

Se as frustrações permeiam nossas pesquisas e limitações

Se as confirmações nos dão satisfações

E isso é motivação para dar as continuações

As Educações como processo, também artístico na Existência

Dialogam na reflexão com fatos contados pela ciência

Mas traz saberes adquiridos pelo cotidiano de experiências

Que várias vezes ultrapassam certas classificações de veemências

Então essa cobrada ciência moderna também fálica<sup>13</sup>

No desvelamento de mistérios pode ser estúpida e falha

Com prepotência tenta determinar as palhas

Que são só alguns tetos de casa

Com poder é nominada por decisões de homens brancos

Que pensam em seu progresso e hoje ainda invadem meu quintal

Mas em seu capital sinto regresso

---

<sup>13</sup> SOF, Sempreviva Organização Feminista. Cuidado, trabalho e autonomia das mulheres / Nalu Faria (org.), Renata Moreno (org.). São Paulo: SOF, 2012. 92p. (Coleção Cadernos Sempreviva. Série Economia e Femi-nismo, 2). passim.

Pois se ostentam em cima do meu ser que até em metalinguagem é desigual

Quem a faz diferente sofre com os privilégios de uma única linha de ascensão cultural

Sofre com o desvio-padrão que se diz natural

Mas para sentir o lamento é preciso estar em si e conhecer

As diversidades de percepções que nos dão um gás para transformar o viver

Uma senhora uma vez me falou:

“É preciso estudar para ser alguém na vida”

E eu queria lhe dizer que ela já era alguém

Ajudou-me muitas vezes, pessoa sábia e querida

Do que adianta guardar tudo pra si em uma altura de única verdade

Também vai ficar com toda a responsabilidade?

Isso tudo vai morrer com você e com os que conseguem alcança-la

E você não irá perceber

A possibilidade de nascer da lama uma flor que transcende a descrição de ser o que desvela estar sendo

O compartilhamento desse alcance se torna prosperidade

Por isso agora comecemos no sentido de lembrar com sinceridade

O acontecimento de poesias para Liberdade

Na possibilidade de viajar com profundidade

Também revelando o Amor, Medo e a Vontade<sup>14</sup>

Na produção de estratégias para Existência

Na busca de superação das Angústias

Por meio de aprendizados que às vezes parecem Morte

Mas questionando a Covardia<sup>15</sup>, mudamos os hábitos pelas Educações Libertárias nas idas e vindas

Então, o que vem a seguir se apresenta primeiro em vários encontros de sensações

Conversas de conhecer a si pelas interações

Assim podemos refletir suas relações com nosso desenvolvimento para além de ser humano

Ao trocarmos matérias, energias, ondas e percepções

Transcendemos as possibilidades das contradições

Expandindo a consciência comum, vamos a um espelho de emoções

Assim podemos nos definir em eusnós nas diversidades de tempo e compartilhamentos

---

<sup>14</sup>Ibdem. p. 28-30.

<sup>15</sup>Ibdem. p. 25.

## **Título: O espelho de emoções: Existir em Liberdade**

### **Existência e Morte**

Morte – Bom dia estou aqui

Esperando suas migalhas

Preso às palhas

Vendo tudo partir

Existência – Pois bem, preciso caminhar

Para ter que alimentar

Essa boca além da minha

Preso a um tempo de azar

Morte – Tudo bem então vá, não espero suas esmolas

Mas sem muitas demoras

Passa-me o que tu tens

E eu divido meus bens

Existência – Eu vou é lhe contar como é minha apreciação

Antes que me roube, pois preciso sobreviver além desse mundo do sim e do não

E assim tu ficas bem, fica sossegada

No conforto de você mesma que não sou eu

Morte – Conforto? Andas agora e vai embora

Respirando alegria e alívio

Nesse eterno convívio

Que é você viva e eu não

Morte – Assim morta eu escuto o que a existência me mostra:

“Quem é você e o que faz aqui

Veio me tirar de minha terra feliz?

Traz a miséria e ainda infeliz?”

Morte – Então sem muito receio

De ti não tenho medo

Nem do meu jeito e nem de meu desejo

Sou assim verdadeira, satisfeita por mim mesma

Existência – Tudo bem, eu não nego minhas incertezas

Tenho delas muitas clarezas

Minha pobreza é só a memória

Que dela não me desfaço, mas perco meus laços

Morte – Laços esses que prefiro que não sejam lembrados

É melhor que sejam mortos como os meus do que inventados

Ignorando o que está à frente

E condizendo com o que de fato mente

Existência – Mesmo assim ainda te amo

Não te odeio porque não é como eu

Compreendo lhe porque não sou Narciso

Porque sou a Existência e estou em constante aprendizado

Morte – Um dia daremos as mãos quando tu morreres

E quando renasceres de pensamento estarás amparada

Pra viver a vida como uma nova Existência

Mas por favor, tenhas paciência e também seja desesperada.

Existência – Peço para que esperes quando tiver que esperar

E quando agir que seja com sede, com a Vontade

Pois assim saberei que estarás de fato se entregando

Para com o que te faz romper além de si que é como um encanto

**Narrativa 1** – Como uma tem o fragmento da outra, o desvelamento da Existência e da Morte juntas revelam e podem superar os limites que desejarem.

## Existência

Ziammmmmmmmm

Tulommmm

Fiuiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiii

Bruuudum

Silêncio

Interação de movimentos

Ritmos de tonalidades

Gestos desenvolvidos para exposições

Condições com superação de padrões

Colaboração de percepções

Para comportamentos empáticos

Acordo chorando

Alguém escuta

Alguém entende o por que

Alguém me oferece ajuda

Alguém me julga

Eu julgo alguém que me julga

Aprendo engatinhando

Desenvolvendo sentidos

Vivo me perguntando

Quando vou poder correr

Quando vou conseguir voar e aterrissar

Além das experiências dos cordões de umbigo

Me enxergo

Me vejo nas coisas

Carregadas de significados meus e por nome de coletivas linguagens exteriores

Ficando difícil de compreender quando não se relativiza a mistura de muitos odores

Sonhando em outras formas

Me perspectivo na esperança alheia

Solidifico na matéria como outra unidade

De um futuro com passado

De presentes da minha condição im-pre-visível

Representação da Existência enquanto uma condição imprevisível:



Imagem retirada do Álbum de fotografia da escritora, 1991-2001.

## Morte

Estava um dia... Estava morta, característica essencial para eu estar presente

Morta com a renovação

Por combinação da certeza de fim eu vim

Para te afundar e te tirar do chão

Sou paradoxo do infinito

Sou segredo desta vida<sup>16</sup>

Sou limite da vida

Cada tempo tem de mim posições diferentes

Compartilho a Angústia de existir

Compartilho o Medo ao interagir

Compartilho o peso de minha própria Vontade para levar embora tudo aquilo que tem seu final

A cada ruptura posso me atribuir

Chego com clareza de que apareci

Quem me sente sabe que chegou a hora de transmutar

Antes eu, Morte simples

A uma Existência rebuscada que não se entende

---

<sup>16</sup>SEIXAS, Raul. COELHO, Paulo. Canto para minha morte (3min52seg). LP "Let me Sing my Rock and Roll". 1985.

## Covardia e Liberdade

Liberdade – Tenho medo

Tenho medo da escuridão

Tenho medo da insegurança pelo clarão

Tenho medo de me expressar, pois os pensamentos são tão... Confusos

Covardia – Mas você me inspira!

Por que não vai à frente?

Mostra pra gente

Do que é capaz e como se faz

Liberdade – Mostro, mas não posso fazer por você

Porque quando precisar ser

Serei eu a receber

E tu deverás obedecer

Covardia – Pois esse dia nunca chegará

Agora mudemos de assunto

Estou atrasada para jantar

Estou querendo ir me deitar

Liberdade – Vá e ao me procurares

Notará que o que rejeitas está aonde não sentiu

Aonde não compreendeu que era sua causa

Aonde pensou que não pesaria e partiu

Covardia – Mas entenda, o que lhe peço não é para mim

É para todas as coisas que querem o meu fim

Com meu final as seres seriam capazes de matar

Sem minhas observações elas continuariam a se torturar

Liberdade – Prepotência em se colocar no centro da questão

Matar é muito mais do que ter Covardia para não agir

De ti consigo ter essa reflexão

Mas tu me enfureces os sentimentos ao me denigrir

Covardia – Então sigamos em direções opostas

Não vamos nunca mais ter um contato

Você expõe essa fratura exposta

E eu vou me embora para onde não se tem cura

Liberdade – Não, eu nunca vou acreditar

Que mesmo em outro lugar

Você nunca me afetará

Então vamos partilhar

Liberdade – Mas não quero forçar

Precisamos de Existência para pensar

Posso te dar o tempo que precisar

Mas a Morte não espera

Covardia – Está vendo você se expressando

É melhor mesmo, conheço seus planos

Não sei porque estou me afastando

E não sei se quero descobrir

Liberdade – Quando você descobrir, eu vou me encontrar a Existência

Por enquanto ela só conhece minha essência

E preciso de você para me contradizer

Para terem força para me reconhecer

## Covardia

Comigo mesma – Acho louvável que façam as coisas por mim

Assim não recebo a culpa por fazer errado

Já que não posso me permitir esse deslize

Que me corrói em um cercado

Comigo mesma – Mãe é você a culpada por eu ser assim

Mundo você é o responsável pela minha tristeza

Tudo está ridiculamente desagradável

E eu não tenho o que fazer Mãe, eu não tenho

Ah, olá

Você não ouviu o que eu disse né

Ah nada não

Deixa pra lá

Comigo mesma – Ai... Não quero admitir, mas como te desejo Liberdade

## Liberdade<sup>17</sup>

Estou no sofrimento de desconstrução

Estou na descoberta da sensação

Estou no sentimento da compreensão

E no grito do não

Sou uma conversa desejada

Uma criança ocupada em distração

Refletindo nesse divertimento responsabilidades

Aprendendo sobre minhas Vontades

Passo aonde se quer ir

Desejo querer existir

Rasgo-me ao cair

E me costuro com ao subir

Sabes que também não vivo sozinha

Com a solidariedade estou juntinha

Com a Autoridade<sup>18</sup> é difícil brincar

---

<sup>17</sup>Inspirada no LAMCE. Experiências com perspectivas libertárias. Laboratório de Arte, Música, Cultura e Educação. UnB, Faculdade de Educação, 2013-2014; e FE, GALERA. Fundão da FE1 e caminantes de experiências libertárias. UnB, Faculdade de Educação, 2011-2014.

Mas tento, porque não posso parar

Sou movimento

Ser eu é entender que está dentro

É às vezes não ser A Liberdade

Para dar espaço a libertação de uma outra idade

Por isso eu amo, por essa complexidade

Por isso me amo por ter essa possibilidade

Por isso te amo para termos essa compatibilidade de alteridade

Por isso a escolha de nos amar depende de libertar-se.

---

<sup>18</sup>Ibidem. p. 56-57.

Representação da Liberdade de se expressar:



Imagem retirada do Álbum de fotografia da escritora, 1991-2001.

Representação da Liberdade de escolha para estar onde se quer ficar:



Imagem retirada do Álbum de fotografia da escritora, 1991-2001.

Representação da Liberdade por onde se descobre no caminhar:



Imagem retirada do Álbum de fotografia da escritora, 2001-2014.

## **Amor, Medo e Vontade**

Vontade – Não sei para quem falo

Não sei por que sinto

Não sei por que quero saber

Apenas acredito impulsionar

Amor – Mas você tem a condição para se reconhecer

Dependo de nós para crescer

Ficamos fortes quando compreendemos a nós como uma rede entrelaçada

Sem você não me encontraria em tudo que existe

Medo – Assim estamos nos causando contradições

E eu até dependo dessas situações

Consigo ter certeza de minha Morte

E a incerteza dos sentidos desse corte

Medo – Então me digam vocês Amor e Vontade

Por que com Angústia estou sempre acompanhado?

Vocês se ausentam no meu surgimento

E se aparecem fico desprezado

Vontade – Posso te fortalecer comigo

Mas estamos somente sendo atribuídos

E também tenho a escolha a o que pertencer

E em muitas situações não prefiro você

Amor – Também preciso aqui me expressar

Com a Vontade amo vocês pelas condições de estar

Ainda bem que não duramos para sempre, Medo

Ainda bem que nos temos, como movimento sinuoso em segredo

Medo – Mas por que não duramos para sempre

Se preciso permanecer para me desenvolver?

Amor, você é muito desapegado

Eu tenho apreço por viver

Vontade – Mas o nome disso é conforto

Isso me traz muito desgosto

Por que nessa estabilidade eterna morremos pouco a pouco

E o meu desejo é existir na inconstância do dinâmico

Vontade – Não sei se essas observações lhes satisfazem em emoção

Mas sou Vontade, sou apressada demais pelas provocações da inspiração

Quem anseia assim como eu, tem a ardência de estar

E mais ainda a responsabilidade de se ausentar

Amor – Mas se expressando assim

Fazemos a Morte, um corte, uma ausência ser algo ruim

Mas é o orgulho de estar sendo quem quer ganhar

E assim nos cegamos por evitar a única certeza de existir

Amor – Surgindo essas indagações sobre quantificações do viver

Venho também lembrar as qualidades de ser

Não importa o quanto vamos durar

Por que são os sentidos de como vivemos que intensifica o que temos para desejar e amar

## Medo

Cinza, gelado e inseguro

O nevoeiro se aproxima de mim

Sai de dentro a Angústia concreta

Cadê o meu pequeno travesseiro mudo?

Vulcão que traz a seca

Com sede fico ao me imaginar nadar

O mar eu desconheço

Tenho pouco e sou eu Medo, Medo de procurar e achar

O frio na espinha me domina até nos ares

Amaldiçoado é o meu caminho cruzado

Aquilo me persegue por todos os lugares

Cadê o meu pequeno travesseiro mudo?

Prefiro acreditar que é ilusão

Prefiro aceitar minha conformação

Prefiro vangloriar minha ingratidão

Do que estar de fora da caverna<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup>PLATÃO, A república. São Paulo: Martin Claret, 2007. p. 287-291.

Cada vez que se aproximam me afasto do palpável

Cada vez que se afasta, a curiosidade me atormenta a ir atrás

Cada vez ausente é o motivo de sua presença

Cadê o meu pequeno travesseiro mudo?

Uma dor no estomago invade minha fome

Já não quero me alimentar

Já não vejo razões para continuar

Já não acredito nas bocas que vêm me beijar

Preciso e não necessito

Quero o querer e não o sentir

Estou caindo pra cima e não tenho aonde ir

Cadê o meu pequeno travesseiro mudo?

A sequela é tão grande, difícil de cicatrizar

Procuro um canto, mas não passa de um buraco que me leva aonde não quero estar

Meus pensamentos transbordam e não consigo me situar

Estou suando frio e não conheço de fato ninguém em nenhum lugar

A mão é infinita e não tem saída

Quero voltar a dormir

Quero voltar a acordar

Cadê o meu pequeno travesseiro mudo?

A guerra que fica é pela paz de pregar

O tormento do caos me coloca a bailar

Mas tenho vergonha de dançar

A Vontade tão minha, uso para não ficar

Para não enfrentar os problemas que me afetam em um mal-estar<sup>20</sup>

---

<sup>20</sup>FREUD, S. “O mal estar na civilização”. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XXI, Rio de Janeiro: Imago, 1974. passim.

## Angústia

Ai como é foda essa liga que dá nó

Nó que envolve meus dedos e já não posso usar as mãos

Então sinto com os pés e acabo por pisar em alguém

Essa pessoa finge que não aconteceu, não reage, ela não quer me perceber

Então lhe lanço um olhar e, mesmo sem enxergar, sinto que ela me evita

Mais angustiante que causar a dor é não admitir a dor que causaram em você

Orgulho besta que impede entendimento

Giro que cai em sofrimento

No firmamento de algo que te destrói por dentro

Numa simples ação imprevisível do acontecer

Acidentes acontecem e por isso temos a expressão do perdão, com limites é claro

Ou seria escuro?

## Vontade<sup>21</sup>

Nasci de uma explosão

Mas não conseguem comprovar a primeira inspiração

V – “Perdoe-me a intromissão, talvez a senhorita pretendesse passear...apenas desfrutar a paisagem [...] Não importa. Creio que é chegado o momento de uma breve conversa [...]”

Surjo como uma palpitação de curiosidade

Me firmo no que ascende essa ansiedade

V – “AHH, eu me esqueci de que não fomos apresentados. Eu não tenho um nome, mas pode me chamar de V [...] Madame Justiça...este é V. V...esta é Madame Justiça [...] Olá Madame Justiça. Boa Noite, V [...]”

Sou contradição de querereres porque existo

Porque julgo e com atos me potencializo

V – “Pronto. Agora já nos conhecemos. Para ser sincero, outrora fui um admirador seu. Até imagino o que está pensando... [...] “O pobre rapaz tem uma queda por mim...Uma paixão juvenil.” Desculpe mas não é este o caso [...] Eu perguntava a meu pai: “Quem é aquela moça?”, e ele respondia: “É a Madame Justiça”. Ao que eu replicava: “Como ela

---

<sup>21</sup> Baseada em CARVALHO, Helcio de V de Vingança / roteiro Alan Moore / arte por David Lloyd; tradução e adaptação por Helcio de Carvalho, Levi Andrade. - - Brueri, SP: Panini Books, 2012. passim.

é linda.”. Eu a admirava apesar da distância. Ainda criança, passando pela rua eu admirava sua beleza. [...] Por favor, não pense que se tratava apenas de atração física. Em absoluto eu a amava como pessoa, como ideal. Isso foi há muito tempo. Agora, confesso que há outra [...].”

Então me confundo

E muitas vezes por impulso do primeiro momento

Posso me tornar agressiva ao descobrimento

V – ““O quê? Que vergonha **V!** Traíndo-me com uma **meretriz** de lábios pintados e sorriso vulgar!”[...] Eu, Madame? Permita-me uma correção. Foi a sua **infidelidade** que me arremessou nos braços dela! [...] **AH!** Ficou surpresa, não? Pensou que eu desconhecia suas escapadelas? Enganou-se. Eu sei de tudo. Na verdade, não me surpreendi quando soube que você **flertava** com homens de uniforme. [...]”

Mas o segundo momento é aberto á consciência de que nada vem do nada

E a procura do desvelar vem como a alavanca do pulsar indagada

““**Uniforme**”? E-Eu não sei do que está falando. Sempre foi você, V... o único em minha vi--” **Mentirosa! Meretriz!** Ousa negar que se deixou envolver por ele, com suas braçadeiras e botas? [...] E então? O gato comeu sua língua? Foi o que eu pensei. [...]

E no terceiro percebe-se que se torna o primeiro

E a revelação vira impulso do contexto

“Muito bem. A verdade foi revelada. Você não é mais **minha** Justiça. É a **dele**. Recebeu outro em sua cama. Faça bom proveito de seu novo amante. [...] “Snif!Snif! Q-Quem é ela? Como se chama?” Seu nome é Anarquia. E ela me ensinou mais como amante do que você imagina. [...] Com ela aprendi que não há sentido na justiça sem **Liberdade**. Ela não faz promessas nem deixa de cumpri-las como você. Eu costumava me indagar por que jamais me olhou nos olhos. Agora eu sei. [...] Por isso, adeus, cara dama. Nossa separação não me entristece, uma vez que não é mais a mulher que amei outrora. Eis um último **presente**, que deixo a seus pés.”

Assim nasço de outra explosão de sentidos

E necessitam de mim para ser, por qualquer motivo

Representação da Vontade como o nosso sentido de nos movimentar:



Imagem retirada do Álbum de fotografia da escritora, 1991-2001.

Representação da Vontade de se misturar:



Imagem retirada do Álbum de fotografia da escritora, 2001-2014

## Amor

Toda bondade vejo em nós

Todo sentir me toca em alguma semelhança de estar ao seu lado

Vislumbre amargurado

Mas ainda não sou eu puro Amor, sou comodismo de cansaço

Amor com desapego sobrevive na distância que às vezes é estar

Amor com desapego não precisa preocupar

Amor com desapego não necessita presenciar

Amor com desapego desapegado fica ao se calar

Se me junto me afasto

Se me largo não te deixo

Se me deixo não te vejo

Se nós somos não mais seremos

Vai, volta e fica

Escorrega e retorna ao mesmo lugar

São várias chances para acertar

Só uma chance pra errar

Mas ainda não sou eu puro Amor, sou expectativa

Mas não diga que eu não lhe falei  
Que o que mais faltou foi eu Amor  
O que mais sobrou foi em nós Amor  
O que mais ficou foi em tudo Amor  
No abraço que troquei com a caridade  
Em todos os lados inquantificáveis

Representação do Amor em suas várias formas de manifestação:



Imagem retirada do Álbum de fotografia da escritora, 2001-2014.



Imagem retirada do Álbum de fotografia da escritora, 2001-2014.

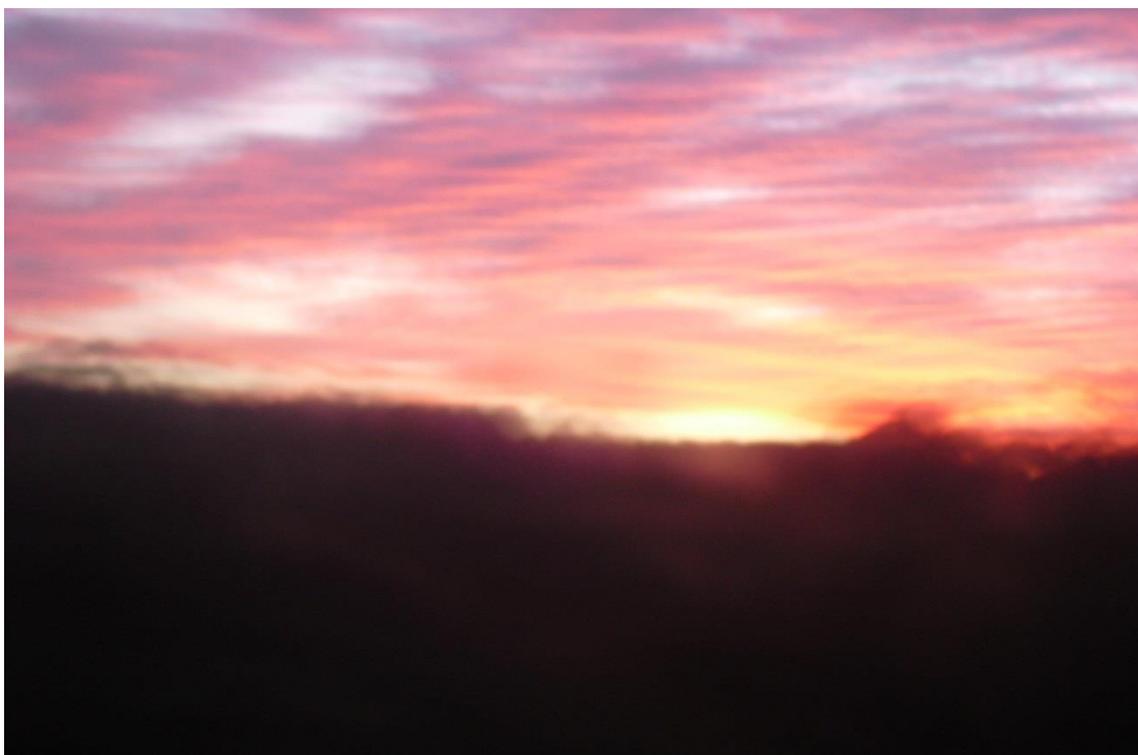


Imagem retirada do Álbum de fotografia da escritora, 2001-2014.

## Fenomenologia Existencialista da Anarquia

**Como tudo vai se desestabilizando com certa regularidade pela existência em Liberdade?** Exemplo: Gravidez nas espécies. Gerar uma mesma genealogia em estrutura, por exemplo: filhas e filhos, utilizando aqui um conceito de condição cultural de família, ou seja, nos limitamos com sentido de moral e valores, pela nossa atribuição de sentidos com os inteiros que nos cercam, mas com modificações já vividas diferentes da anterior, por tudo estar em constante existência, inclusive em momentos diferentes. Ou mesmo, a própria formação de espécies, segundo as primeiras classificações de Aristóteles<sup>22</sup>, que foi tomando outras formas no decorrer da história, dentre outras nessa perspectiva.

Entendemos que pode ser pelo fato da existência da **percepção coletiva** entre seres. Lembrando aqui que, por “seres” consideramos toda a matéria ou onda que interage com uma energia orgânica e/ou comunicativa atualmente. Comunicativa no sentido de se ter uma interação comum em vida. Voltando, essa percepção não se restringe ao mero reconhecimento da existência de algo. Ela, além de reconhecer buscando também conhecer, mostra o que aquilo tem de ligação com o próprio reconhecimento, de que o que está percebendo tem da relação entre o que afeta e emociona a ambas.<sup>23</sup>

As lógicas de desenvolvimento, seguindo esse contexto, se dão de formas diversas, sem padrões que poderiam se classificar como melhores ou hegemônicos, pois cada ser consegue desenvolver motivação para mudar, pela sua própria condição de diferença. A identificação com essa necessidade permeia a própria condição de que os formatos interativos perceptíveis se modificam constantemente, desde sua composição, assumindo outras formas para dar continuidade ao que se deseja existir e nesse sentido todos somos seres de infinitas possibilidades.

---

<sup>22</sup> NUNES, Leiva. Da Classificação das Ciências à classificação da Informação: uma análise do acesso ao conhecimento. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Disponível em < [http://www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=340](http://www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=340) > Acesso em 22 nov. 2009. passim.

<sup>23</sup> Conceito de fenomenologia inspirado no grupo de estudos sobre HEIDEGGER, M. Ser e tempo (1927), Partes I e II, tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback, Petrópolis: Vozes, 2002. [Sein und Zeit, Frankfurt AM Main: Vittorio Klostermann, 1977.] p.3-9, em Setembro, 2014.

Sendo assim, tudo dentro desta condição de Liberdade para estar/sentir/perceber/conhecer/criar, dentre outras, vão interagindo e desenvolvendo entre/com/para si, com as experiências proporcionadas e proporcionáveis, até começarem a encontrar laços em comum ou não. Dai acontecem os processos de aproximação, distanciamento, diferenciação e transformação para novos seres, novas modificações e até mesmo o desaparecimento de outras, que até então pareciam durar eternamente<sup>24</sup>.

Um exemplo disso é a escola. Queremos continuar vivendo de determinadas maneiras, então colocamos um aparelho interventivo e obrigatório, segundo as leis de nossa sociedade, não que corresponda à satisfação da sociedade como um todo, para fornecer essas limitações. Lembrando aqui que não estamos colocando uma situação binária, entre o que é bom ou ruim, mas analisando um contexto.

Precisamos continuar a nos comunicar para primeiramente sobreviver (neste caso me refiro ao que precisamos em unidade de biológicossocial, por exemplo: se nossas células não estabelecem elos de compreensão de si, não conseguiríamos exercer várias funções biológicas, como por exemplo, digerir, ou a alimentação correspondente às necessidades, sendo que para que isso ocorra é necessário um trabalho de relação, de quem vai se alimentar e o que ou quem vai servir de alimento), pois, já relativamente confortáveis e adequáveis aos sistemas, muitas vezes, por ser mais alcançável, evitamos incertezas e as negamos com as certezas. Junto então vêm afetos, compreensão e expressão, diversidades de condições, desde o processo corporal ao de espaço, mas isso necessita de pontos em comum para o que ou com quem nos relacionamos.

Então, para além de causa e consequência, podemos ter a apreensão das linguagens, com as suas sistematizações e padronizações de expressão vivencial, experiencial e cultural para atender a essas demandas, onde dentro desse espaço institucional citado, começam a se regularizar esses conceitos de vida, não harmonicamente, mas pelo processo de limitação da percepção coletiva explicado anteriormente.

---

<sup>24</sup>Ideia compartilha com MOSNA, Gabriel. Fundação da FE1 e caminhanças de experiências libertárias. UnB, Faculdade de Educação, 2011-2014. *passim*.

Voltando a escola, as ideias de instinto (reações inatas) e natureza “romântica” (natural à transformação e origem da formação) se atrelam a acomodação dessa forma de discurso de sistema, dessa forma de linguagem, por não proporcionar um poder de discurso conceitual, de experiências diferencialmente perceptíveis, em um senso comum. Acaba então por não desvendar as lógicas dessas apreensões compartilhadas e naturalizando-as, com as certezas limitáveis da instituição, pela ordem hierárquica e antropocêntrica estabelecida. Mas, por tudo existente e/ou interativo, devemos compreender nosso sentido de mutação, e não um sentido ao nascido imutável, apesar de se justificar pelas tendências a regularidades. Interativo porque algumas coisas não existem por concreto, mas se fazem presentes pela informação de si, e constroem algo de vivido e verdade para motivação da continuidade dessa perspectiva.

Um exemplo disso é a expectativa de não se ter exemplos para entendê-la. Se montássemos situações sem essa qualidade seria improvável encontrarmos referências para embasa-la e, portanto fazer coerência a uma aceitação coletiva. Isso desenvolve nossa necessidade de explicações para compreensão e decodificação de sentidos para as situações.

Mas, voltando esse conceito de diferenciação e diversificação das vivências humanas, dicotomizado ainda nas experiências observadas em outros animais, em outros seres; complementado ainda por entender da natureza romântica, árvores, terra, e até mesmo de não pertencimento a um mesmo espaço em comum a tudo (no caso aqui desse microsistema no planeta Terra se comparado às galáxias), nos torna às vezes em espécie, muito doutrinadores (as) e egocêntricos (as) ao próprio processo participativo do qual não estamos dando atenção e não vemos possibilidades nas mudanças. Ora, para se ter uma árvore hoje, foram necessárias várias modificações, desde a mais simples que entendemos começando pelas sementes. Ao passo que com essa transformação ela também transformou o solo e o ar em que reside. Esse processo é mutável, transformador, complexo, com ou sem a nossa presença. Ou seja, não somos as únicas agentes modificadoras de matéria, consciência, energia, onda e esse processo não foi natural no sentido de nascer para um fim, foi por várias experiências compreendidas, inclusive no exemplo do próprio desenvolvimento das árvores.

Sendo assim, temos certas informações de situações que mesmo vivenciando-as, não conseguimos de fato perceber-las a ponto de formularmos um conceito, com sentido

em nossas expectativas pelas limitações das lógicas de linguagens. Principalmente se essas se compõem de formulações impositivas, nas quais não temos como alterar a relação de elaboração, e passamos apenas a alterar como utiliza-la, não mais produzindo formas, mas reproduzindo-as.

O próprio ato de existir já é um ato consciente, inclusive no âmbito do compartilhamento imaginário, mas a consciência só se torna visibilizada quando se torna perceptível, ou seja, além de si mesma, quando a desenvolvemos com sentido.<sup>25</sup> E também existir assim significa não só se perceber, mas tornar o que lhe cerca consciente de sua percepção, com sentido comum em suas relações, sendo então uma **existência perceptível comum**.

Então quando dizemos a alguém que suas possibilidades são estáticas, ou seja, não tem nada a não ser aquela opção, estamos sendo no mínimo equivocadas/os e contraditórias/os com a nossa própria condição em vida.

Muitas relações que desenvolvemos, como por exemplo, nosso sistema político de democracia representativa, aqui nesse lugar chamado Brasília, nossa Educação escolarizada, partem do pressuposto em que algum dia a felicidade de nossas vidas vai ser em se estabilizar, em atingir um fim total pela ordem hierárquica da convivência. No sentido em que a satisfação é a superação do próprio viver.

Mas só consigo pensar em duas coisas observando isso, o sentido da Morte e o sentido do fim de nosso desenvolvimento em unidade, o que torna impossível de admitir, pois o desenvolvimento antecede nossa existência perceptível comum. Esses processos educativos, sendo assim, vistos não como movimento, mas como engessamento, como uma produção mecanizada sem sentido orgânico, aniquilam o nosso descobrir e se continuam a ser incentivados como inalteráveis, sem percepção comum, podem aniquilar uma existência inovadora, por que não se tornam perceptivelmente alcançáveis para a nossa própria interação e intenção, e consequentemente para propor alguma satisfação. Ou seja, a satisfação não se torna materialmente realizada, ela se torna sempre algo incansavelmente insatisfatório<sup>26</sup>.

---

<sup>25</sup>Apropriação do conceito tomada de consciência mencionado na obra FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. passim.

<sup>26</sup>Ideia compartilhada com AZEVEDO, Mayara. Fundão da FE1 e caminhanças de experiências libertárias. UnB, Faculdade de Educação, 2011-2014. passim.

As nossas relações vivenciais dessa forma são incompreendidas quando impostas hierarquicamente, principalmente no que diz respeito às formas de elaboração de nosso comportamento, de nossa produção, pois além de desconhecermos esse processo quando apenas o obedecemos e utilizamos, passamos a não valorizá-lo, justamente porque não tem como atribuir valor de algo que se desconhece, e se apenas se tem uma relação de interação superficial, sem sentido subjetivo, o valor vai ser correspondente a essa interpretação da interação. Ou seja, não existe alteridade naquilo que você não identifica como processo de você mesma e também não existe a responsabilidade, enquanto empatia por algo além de si, que instigue a compreender seu desenvolvimento com o desenvolvimento do que lhe cerca.

Isso inclui a nossa ilusória espera por revolução, por mudanças nas macroestruturas sem que antes em nossas relações mais próximas, mais palpáveis, que estejam no nosso cotidiano, não construamos estruturas que nos deixe viver sem elas, como a solidariedade e a disposição, uma saúde com base em si mesma e não na doença, dentre outras coisas.

Então por que não temos o direito de pensar em um assunto ou objeto de interesse por toda a vida? Esse não ter direito se refere ao que realmente é cobrado de nossa sobrevivência. Não poderia pensar em apenas beber água, pois o corpo que me mediou me instigou a ter mais que essa necessidade. Assim, vem a lógica de desenvolvimento de não ficarmos estáveis ou focados para uma só situação, mas em uma transformação direcionada pelas condições do poder de interação, experimentação e criação.

Sendo assim, o ato de produção de conhecimentos, por si só, palpável ou não, sem terceirização dos objetivos ou morais envolvidas, ou seja, sem a serventia para outrem, já justifica o sentido do desenvolvimento.

Partindo desses pressupostos, também podemos compreender a própria regularidade, onde agindo por interação, possui tendência a se estabilizar, e já se construindo mutuamente, exprime a não regularidade pelas próprias condições geradas a partir dela. Pela aproximação percebe-se que você já não é sempre a mesma vivência de quando começou a aprender, podendo ser outra/o ser, quando assume ser você. Há limites entre essas condições e há comparações entre os seres e as coisas que lhes cercam.

Nessa percepção de limites<sup>27</sup>, observam-se as vantagens e desvantagens de continuar afirmando o seu ser, e não conseguindo adaptação no sentido de mudança para o que se julga adequado, lembrando que esse processo é coletivo, pois já viemos aos lugares por outras composições permutativas, há um choque em que tanto se gera coletivamente a aprovação do surgimento de uma nova opção para o que está no âmbito do convívio, como também se extingue o que incomoda, ou o imutável é conservado ou isolado.

A oscilação das emoções, em meio a tudo isso, comprova a indignação pela entonação que às vezes soa o deitar cômodo, querendo evitar os problemas de existir. Tudo deixa de querer existir em percepção comum para apagar-se, e só então se liga a necessidade de estar em outro lugar, no sonho.

Então fico pensando por que precisamos também estar em outro lugar, em outra existência com necessidades diferentes. É nossa necessidade de alteridade, de nos reconhecer em outras coisas além de nós mesmas.

Mas como falar de alteridade sem nos reconhecer com essa possibilidade de se colocar no lugar de outra pessoa, podendo conseguir fazer o que essa pessoa diz que conseguimos, diz que podemos tanto quanto ela? Dentro disso como uma pessoa profissional em Educar que tem de dar exemplo, tem que ser referência visando esse processo de aprendizagem que está intrínseco a alteridade? Sendo que, como ela vai orienta-la para ser o que você quiser ser, se muitas vezes, nesse sistema engessado capitalista, ela se limita a uma única forma de ser, reduzindo você as escolhas e avaliações dela? Agora não mais sendo conhecida por seu nome, mas por seu mérito e especificação ao se apresentar<sup>28</sup>.

Por incrível que pareça, o nome próprio é mais abrangente que essa rotulação de ser uma única qualidade. Quando falamos: “Ana, como você se movimenta bem” podemos atribuir vários sentidos do porque dela estar se movimentando bem, pois Ana, apesar de se classificar como uma identificação de um nome próprio, não atribui o valor

---

<sup>27</sup>Idéia compartilha com BERNARDES, Vitor. Fundão da FE1 e caminantes de experiências libertárias. UnB, Faculdade de Educação, 2011-2014. passim.

<sup>28</sup>FE, GALERA. Fundão da FE1 e caminantes de experiências libertárias. UnB, Faculdade de Educação, 2011-2014. passim.

que se teria com um título, com uma profissão e conseqüentemente as interpretações do que é ter um título, uma profissão, inclusive à interpretação de não se atribuir às experiências como causas de ritmos e esforços para produzir-se. Agora se trocássemos Ana por “Professora, como você se movimenta bem” já poderíamos pensar em restrições mais específicas como o fato de que para se movimentar bem é preciso ser professora, e que você em sua posição precisaria se transformar nesse título, nessa profissão, no caso aqui de professora, para atingir a movimentação que se deseja, um caminho absoluto, ao contrário de ter experiências e interpretações diversas para desenvolver aquele conhecimento ou trilhar outro processo para o mesmo objetivo.<sup>29</sup>

Lembrando aqui que o questionamento se dá pela forma cultural como o título é vangloriado e empregado dentro de uma estrutura capitalista de dominação dos saberes, e não pela especificação separada de sua função social.

Sendo assim fico me perguntando, como fica nossa criatividade em Liberdade nessa regularidade transmutável (o criar que transcende as mudanças das imposições sociais)? Como podemos conseguir deixar de reproduzir essas sociabilidades nas quais nos limitam em não nos enxergarmos com possibilidades de nos desenvolver<sup>30</sup>?

---

<sup>29</sup> ILLICH, Ivan. *Sociedade sem escolas*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1979. passim.

<sup>30</sup> *Ibidem*. p. 44.

Representação desse sentimento de Anarquia, da mudança como processo de Liberdade em relação às Existências:



Imagem retirada do Álbum de fotografia da escritora, 2001-2014.

## Anarquia

Ela vem

Abre-nos para as entranhas de muitas compreensões

Como escorregador, tentando romper com a escada da instituição

Vem das lutas, vem do fogo, vem do desafio em sua ação

E vai

Quando ela não vem

Não conseguimos conscientizar nossos quereres

Pois ficamos perdidas por tantas informações intencionadas de consumos dizeres

Então ela vem

Mostrando que a grande revolução não é o objetivo inicial<sup>31</sup>

Pois nossos laços comunais estão fracos, frágeis

Como saber o que melhor a alguém que não se convive?

As rupturas não acontecem de cima para baixo

E precisamos nos encontrar em mesma consideração para sabermos o que queremos

E vai

Quando ela não vem

---

<sup>31</sup>Discussão com grupo de estudos anarquista em Setembro de 2014, com a referência: ABC, Ativismo. Zine Gestão de espaços autônomos. Copyleft – Distribuição livre. Março, 2014. passim.

Esquecemos das nossas possibilidades

E nos programam em funções mecânicas da bandeira da igualdade<sup>32</sup>

Então ela vem

Se abdicar das manias globais de resoluções em curto prazo que se perdem

Perguntar do que adianta querer acabar com a fome no mundo e explorar nós mulheres na lógica do trabalho doméstico diariamente?<sup>33</sup>

Perguntar do que adianta construir dezenas de instituições que apenas mantêm e garantem um poder opressor e hegemônico?

E vai

Quando ela não vem

A curiosidade se fecha com a obediência

E a pessoa se torna um currículo com arrogância sapiência

Então ela vem

Propor uma convivência comunal

Na rua, num coletivo, na reunião de objetivos em comum e até parcial

Propõe autogestão, que é muito mais do que consenso da maioria

É autonomia para organização nas relações das realidades existentes em sintonia<sup>34</sup>

E vai

---

<sup>32</sup>BLACK, Carol. Filme: Escolarizando o mundo. 64 minutos, 2005. passim.

<sup>33</sup>SOF, Sempre Viva Organização Feminista. Cuidado, trabalho e autonomia das mulheres/NaluFaria(org.), Renata Moreno (org.). São Paulo: SOF, 2012. 92p.(Coleção Cadernos Sempre Viva. Série Economia e Feminismo, 2). passim.

<sup>34</sup>ABC, Ativismo. Zine Gestão de espaços autônomos. Copyleft – Distribuição livre. Março, 2014. passim.

Quando ela não vem

Aceitamos caladas

Somos mandadas

Somos desconsideradas

Então ela vem

Como vigência em temporais pensamentos<sup>35</sup>

Também nas contradições

Com as linguagens e comportamentos

E vai

Ela vem

Tentando colaborar para a continuidade geracional

Através de uma alteridade horizontal

Com sistematização em longo prazo de compromissos

Começando pelas intimidades afetivas que nos envolvem em cobertor

Trazendo consequências reflexivas de sobrevivência sem privilégios de um senhor

Mas reconhecendo nossa pequenisse por não termos o domínio

Por precisarmos de outras pessoas para identificarmos nossos ritmos<sup>36</sup>

---

<sup>35</sup>VIGOTSKI, Lev. S. Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico. Apresentação e comentários de Ana Luiza Smolka. Tradução de Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009. passim.

<sup>36</sup>PEDERIVA, Patrícia. Da atividade musical e sua expressão psicológica. Curitiba, APPRIS, PRISMA, 2013. passim.

E vai

Quando ela não vem

Ficamos tristes porque não nos expressamos

E assim não nos reconhecemos em nossos próprios processos e planos

Então ela vem

Como composto orgânico do coração pulsante, cheio de dúvidas das percepções

Na falta de preenchimento na totalidade que é ser, sobretudo em condições<sup>37</sup>

No encontro cotidiano, mesmo cansada, pela busca de resoluções

E vai

Ela vem

Na sociabilidade de nos extraindo de dentro<sup>38</sup>

Até nos conduzir para fora do centro

E vai

Ela vem

Rejeitando a fragmentação estática para a compreensão das atividades humanas

Trazendo a importância radical consciente das interações que emergem

---

<sup>37</sup>RANCIÈRE, J. O mestre ignorante. Cinco lições sobre a emancipação intelectual. Trad. Lílian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. passim.

<sup>38</sup> Conceito etimológico da palavra “Educação” pelo INFORMAL, Dicionário de Português gratuito para internet. 2006. Disponível em < [HTTP//WWW.dicionarioinformal.com.br](http://www.dicionarioinformal.com.br) > Acesso em: Agosto, 2014. passim.

E vai

Ela vem

Buscar de novo a essencialidade de se manifestar

E essa escolha com direito de ser autêntica<sup>39</sup>

E vai

Ela vem

Trazer para dentro essa necessidade de Existência em Liberdade

Dialogar sobre as escolhas feitas pelo Medo e a Vontade

Ser sensata para ter noção da importância de se dividir posições

Pois assim não limitamos a criatividade de outra expressão em nós mesmas<sup>40</sup>

E vai

Ela vem

Encontrando-se em teorias

Vivendo estratégias políticas diretas

E explicando no dia-a-dia

E vai

Ela vem

---

<sup>39</sup>LAMCE. Experiências com perspectivas libertárias. Laboratório de Arte, Música, Cultura e Educação. UnB, Faculdade de Educação, 2013-2014; e FE, GALERA. Fundação da FE1 e caminantes de experiências libertárias. UnB, Faculdade de Educação, 2011-2014. passim.

<sup>40</sup>VIGOTSKI, Lev. S. Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico. Apresentação e comentários de Ana Luiza Smolka. Tradução de Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009. passim.

Como qualquer nome identificado com vários signos

Agrupando-se no relativismo de atribuições com vários sentidos<sup>41</sup>

Além da ausência, sendo também oposição à Autoridade<sup>42</sup>

Para que possamos nos enxergar com Liberdade

E vai

Ela vem

Na participação coletiva de esforços que não carreguem reis para mandar

Mas segure somente o que lhe pressupõe de conhecimentos e saberes para compartilhar

E vai

Ela vem

Sem buscar a razão pura nos cânones colocados em um pedestal

Procurando por preferência se constituir como um fractal<sup>43</sup>

E vai

Ela vem

Negando as certezas absolutas através das diversidades de interpretação

Pois é o que desenvolve comunicação

E vai

---

<sup>41</sup>OLIVA, Alberto. 1950 – Anarquismo e Conhecimento. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.p. 7-15.

<sup>42</sup>MORGADO, Miguel. Autoridade. Lisboa, Portugal, Fundação Francisco Manuel dos Santos e Miguel Morgado. Setembro, 2010. p. 9-27.

<sup>43</sup>ABC, Ativismo. Zine Gestão de espaços autônomos. Copyleft – Distribuição livre. Março, 2014. p. 11.

Ela vem

Não se contentando apenas em constituir fatos

Porque se preocupa com o paradoxo da responsabilidade sobre esses atos<sup>44</sup>

E vai

Ela vem

Com a Vontade de Proudhon questionando o que são as propriedades<sup>45</sup>

Com a Vontade de Louise Michel reclamando uma revolução social<sup>46</sup>

Com a Vontade das/dos Zapatistas fortalecendo e sobrevivendo em sua luta comunal

E ainda sim sem rotulá-las, mas fortalecendo em estratégias de identificar suas necessidades em Liberdade para além do ideal

E vai

Ela vem

Com a convivência em constante existência perceptível comum, mesmo em momentos diferentes<sup>47</sup>

Como no mar quando se nada e não se percebe quais são e nem aonde foram todas as ondas, mas tem certeza de que estão em algum lugar, pois o mar continua a se movimentar

E vai

---

<sup>44</sup>OLIVA, Alberto. 1950 – Anarquismo e Conhecimento. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. p. 48-66.

<sup>45</sup> PROUDHON, Pierre J. A propriedade é um roubo. In: BASTOS, Suely; GUÉRIN, Daniel. A propriedade é um roubo e outros escritos anarquistas. Porto Alegre: L&PM, 2008, p. 20-31.

<sup>46</sup>IMDB. Filme: Louise Michel, A Rebelde. França, 90 minutos, 2009. FF. passim.

<sup>47</sup>ANTONY, Michel. Experiências utópicas libertárias, sobretudo pedagógicas: “Utopedagogias”. Tradução: Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Expressão e Arte Editora: Editora imaginário, 2011. passim.

Ela vem

Porque ser é estar

E existir para nós, perceptíveis seres, é nos perceber para além de nós mesmas<sup>48</sup>

E vai

Ela vem

Se livrar do controle

Causando desconforto como a Morte

Mas se justificando por ser sentido de Amor

E vai

Não precisamos nominar que todas essas ações, histórias, anseios e momentos são derivados das práticas anarquistas. Basta conscientizarmos o nosso desejo de nos desenvolver que ela vai estar ali, intrínseca ao modo e movimento de se viver em Liberdade.

---

<sup>48</sup>Ibidem. p. 40-46.

**Narrativa 2** – Assim ela, a Anarquia se compõe também na Ignorância:

### **Ignorância<sup>49</sup>**

Curiosidade que precisa se despertar

Para nós irmos nos buscar

Mas só acontece se acharmos que não sabemos do absoluto

E perceber que tudo está em tudo

Na arte da distância

A Mestra explicadora se coloca

Nos embrutecendo com seu conhecimento

Nos dando respostas prontas na hora

Assim ela pula o nosso processo

E nos exige resultados já esperados

Anula o acaso e a Vontade

Que antecede a realização desses tantos lados

Desliga a relação dos motivos que nos desenvolvem

Não sabemos mais a razão do porque estamos fazendo aquilo

---

<sup>49</sup> Inspirada em RANCIÈRE, J. O mestre ignorante. Cinco lições sobre a emancipação intelectual. Trad. Lílian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. passim.

Deixamos de nos sentir seres capazes para achar a solução

Por que quem tem é ela e demonstra esse poder

Mas a Mestra Ignorante

Aquela que não sabe, mas confia que vocês podem saber

Procura suas necessidades pra lhes instigarem a se conhecer

Coemancia-se ao passo que proporciona atividades de tentar com a experiência de vivenciar

Mesmo sabendo da arbitrariedade existente em uma língua materna

Pelas imposições de expressão

Podemos perceber que a necessidade de nossa comunicação

E na sobrevivência de existir se torna apreensível de decodificação

Como não a separamos de nada

Ela se integra ao nosso modo de ser

E assim são os saberes e conhecimentos

Que nos compõe em totalidade do viver

Representação da curiosidade pela Ignorância de querer saber e com a organização coletiva com essa relevância para se desenvolver:



Imagem retirada do Álbum de fotografia da escritora, 1991-2001.

**Narrativa 3** – Mas eis que chega a Autoridade, sem ser convidada por sinal:

### **Autoridade<sup>50</sup>**

Ato nesse estar

Vamos fazer como eu quero sem te levar em consideração

Auto nesse estar

Eu consigo tudo sem ajuda de nada nem ninguém

Autora nesse estar

É Meu pensamento, Minha criação

Autoria nesse estar

Posso cobrar por isso, posso receber em cima disso, quero algo em troca e sempre com vantagem para eu me dar bem em cima de outras pessoas que não podem ter o mesmo poder que eu sobre o que estou fazendo

Autoridade nesse estar

Pode ser muitas coisas como aumento de poder, opinião, liderança, tudo isso que quer crescer mais sem considerar o que lhe cerca, menos Liberdade

---

<sup>50</sup>Inspirada em MORGADO, Miguel. Autoridade. Lisboa, Portugal, Fundação Francisco Manuel dos Santos e Miguel Morgado. Setembro, 2010. passim.

Sem questionar vamos obedecendo

Ao poucos não vamos nos vendo

Vamos inconscientizando nossos quereres

Nos privando do nosso desenvolvimento de saberes

Ausentamos nossa responsabilidade

Para culpar a ordem

Vamos nos livrando de nós mesmos para acreditar nas palavras de alienação

Assim nos matamos com uma fidelidade moral a hierarquização

**Narrativa 4** – Dessa forma, ela se abstém da Autoridade e questiona as experiências proporcionadas na escola que a projeta:

### **A Escola**<sup>51</sup>

Canetas mordidas pela ansiedade da falta de sentido em estar

Desenhos no caderno, pelo menos um resgate da sanidade de criar<sup>52</sup>

Corpo engessado, tímido, sem Vontade de falar

Cansaço do caminho de ir e ter que voltar

Fome porque em casa não se tem café da manhã, almoço ou janta, então posso pelo menos lanchar

Mas passo mal porque o lanche estava estragado e me deram pra eu provar

A professora diz: “Fulano você não presta atenção, vai virar bandido meu irmão?”

A professora diz: “Fulana você não fez o dever, é burra de não querer aprender?”

A professora não pergunta, dita

Anoite não consegue dormir

Pelos problemas mal resolvidos, pelas cobranças de ordem capitalista

Por ter que aprovar a todas as pessoas que ela mal conhece de vista

---

<sup>51</sup> Inspirada em ILLICH, Ivan. Sociedade sem escolas. Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1979. passim.

<sup>52</sup> DIMENSTEIN, Gilberto. ALVES, Rubem. Fomos maus alunos. 10. Ed. Campinas, São Paulo, Papirus 7 Mares, 2010. 125 p. passim.

Sei que para muitas pessoas a escola é um lugar fora de casa ou uma casa

Um lugar fora de uma esfera privada

Um lugar para se viver e se aprofundar

Mas porque transformamos esse lugar de se compartilhar conhecimentos, saberes

Em manobras opressoras de governos, doutores e tantas outras autoridades de deveres?

A vida já é tão difícil por apenas existirmos

Por sabermos que não sabemos, mas que podemos saber

E esse poder não está em nossas mãos, a escola diz

É sempre necessário estar apta a crescer

Mas o poder está com ela, com a hierarquia, com as instituições

Nas quais nos acolhem e nos retiram quando o diploma é alcançado

Ou rejeitado

A escola com sua lógica de nos subir de nível

Quer nos domesticar em específicos programas reativos

Com hábitos e posturas já esperadas

Nos lança em tabelas que se tornam cobranças nas atas

Nos torna embalagens de seus padrões estáticos e opressores

Descartáveis num momento de uma situação não compreendida

É um tédio com início, meio e fim<sup>53</sup>

Uma fórmula que nos julga componentes incapazes de assumir a função dela

---

<sup>53</sup>PENSADOR, Gabriel. Estudo, Errado (5min11seg). Ainda é só o começo. 1995. passim.

A função de nos desenvolver até mesmo no entendimento de uma boca banguela

Então vamos muda-la, derruba-la?

O que queremos?

Eu primeiro sei que não quero essa escola.

O que é a escola?

Uma esmola?

Pois de boas intenções toda caridade está servida<sup>54</sup>

Mas qual o propósito dessa ajuda com dívidas?

Exploração?

O que é a escola?

Uma cola?

Um investimento bancário arremessado de comportamentos para nos condicionar a obedecer

Uma aniquilação das diversidades de se poder escolher

O que é a escola?

Um buraco com mola?

Aonde você cai e te jogam pra cima, mas quando você aterrissa percebe que está de cabeça pra baixo

Aonde o sentido te faz cliente

---

<sup>54</sup> ILLICH, Ivan. Ao inferno com as boas intenções. (?). 1997. passim.

E te coloca na pirâmide de gente

Eu quero não só apenas um lugar

Mas vários e se possível em todos

Ter a possibilidade de me expressar

Em relações que questionem e escutem meus interesses

Em relações que possamos conhecer nossa história

Quero espaços que me tragam novidades<sup>55</sup>

Quero espaços que troquem experiências sinceras e que me respeitem

Quero espaços que me deem oportunidades de viajar para lua

Saber ler em braile

Inventar códigos de linguagem

E ao mesmo tempo entender que é necessário sol e chuva para as verduras nascerem

E que essas plantas podem crescer sem venenos que me matam a cada dia

E que carinho é necessário para me motivar a ter curiosidade

E que um abraço faz toda a soma de um dia sem um toque de afinidade

Quero espaços que nos desejem pertencimento

Quero espaços que incorporem nosso movimento

Isso é tão possível quanto qualquer outra coisa

---

<sup>55</sup>SAGRADO, Antonio. PEREZ, Raul. LIMA, Anderson. Filme: Quando sinto que já sei. 78 minutos, 2014. passim.

Pois o construímos a cada dia nos prazeres que permitam o descobrir

E que com as pessoas que não são reacionárias ao nos verem sonhar

Porque é assim que vamos estar nos organizando no fazer e no imaginar.

Representação do desenvolvimento humano pelo risco da alteridade, pela confiança da troca e o despertar de sentidos:

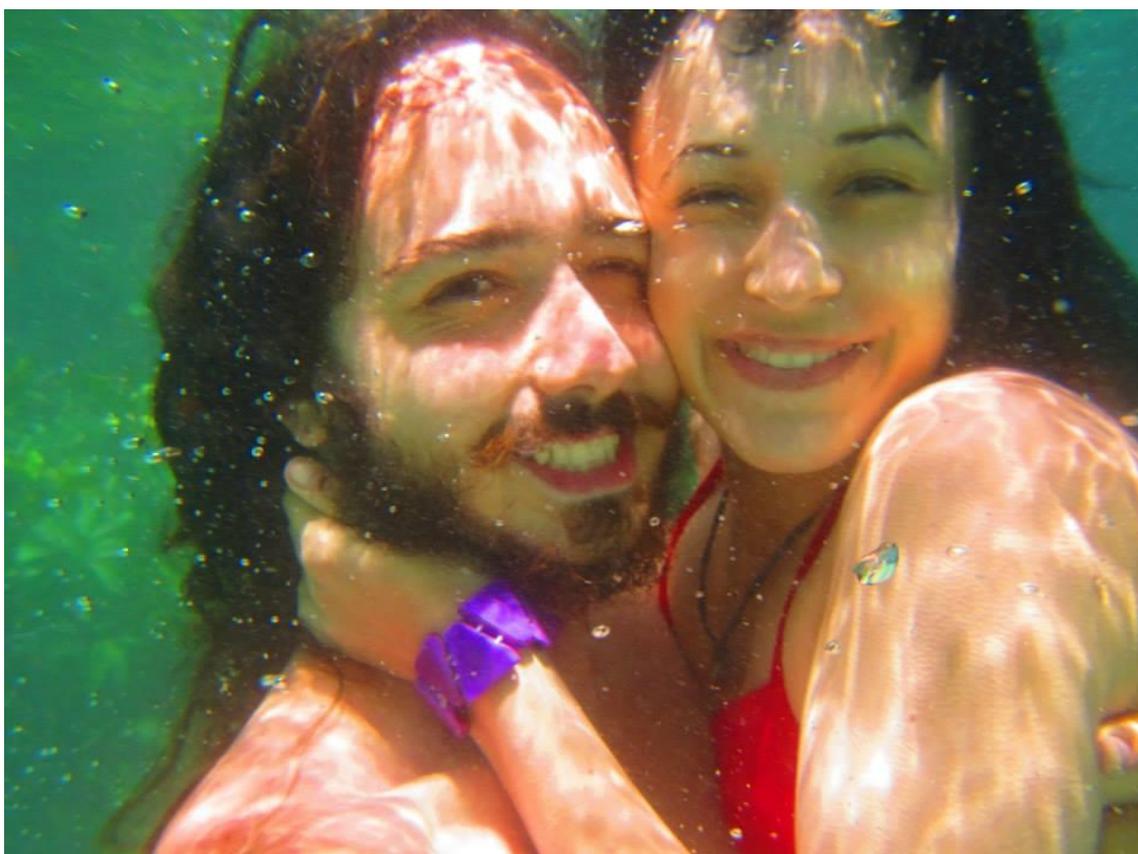


Imagem retirada do Álbum de fotografia da escritora, 2001-2014.

**Narrativa 5** – Palpando as palavras da Anarquia, gostaria de compartilhar nessa partida as relações libertárias que desenvolvi mais conscientemente, ou seja, com intenção e propósitos mais objetivos, nos dois últimos relatos de experiência poéticos:

### **Fundão da FE1<sup>56</sup>**

Esse poema é uma declaração de amor a todas as pessoas e seres que deixaram no fundão da FE1 um pedacinho da sua Existência tão importante para meu desenvolvimento e para esse trabalho.

Passarinhos e Passarinhas

Grandes, pequenas, gordas, magrinhas

Voam muito, às vezes devagar, às vezes apressadinhas

São livres para escolher o que fazer naquele lugar

Nem que seja um único momento de estar

Como todo fundão é divertido por não se entregar a ordem da padronização

Como todo fundão também sofre exclusão

Então viram caminhantes da filosofia

Discutem Aldous Huxley, Paulo Freire, Nietzsche, Pederiva e a vida da mocinha

---

<sup>56</sup>Inspirada e observada após a reflexão da obra HUXLEY, Aldous Leonard. A ilha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

Falam de consciência, justiça, solidariedade e contradições

E da tal da Educação que tanto precisa ser pensada para além das instituições

Se transformam em caratecas e também em artistas de rua

Galera se torna yoga e pulam nas chuvas seminuas

Riem das tristezas e riem mais ainda das alegrias

Mas ficamos revoltis quando baixa a polícia com agressão e correria

Viram construtoras de banquinhos, trapézios

E lá também tem espaço à imaginação pra ócio e loucura

Sem preconceitos, mas com limites na ternura

Chega uma pessoa, outra se vai

Fazem músicas, desenhos e nos alongamentos se escuta um ai

Fumam, bebem e fazem coisas divertidas lá, algumas fumam sim

Também são circenses, jogam coisas pro ar e dançam no pirimpimpim

Esse lugar é lindo, dizem Ju, Samara, Rayssa, Renatinho concorda e várias existências queridas que frequentam

Sempre venho pra cá quando quero me encontrar, dizem May, Wesley e várias pessoas que quase nunca se ausentam

Aqui a gente faz o que tem Vontade, diz Victor, Mário e tantas outras ao colarem lá

Aqui estou treinando o que gosto, diz Gabriel, Gui e tantas outras ao malabarizar<sup>57</sup>

Esse lugar é o meu curso não só de Pedagogia

É nosso momento de qualquer interesse com autonomia

Sem muros da razão

As pessoas que vivem ali nos compõem e traduzem o que pensam e são

---

<sup>57</sup> Estrofe baseada em FE, GALERA. Fundão da FE1 e caminhanes de experiências libertárias. UnB, Faculdade de Educação, 2011-2014. passim.

**LAMCE<sup>58</sup>**

Esse poema é uma declaração de amor a todas as crianças, a nós, grandes e pequenas, que compõe esse projeto. Com uma homenagem especial a Liberdade e a esperança de dias melhores que estiveram presentes em vários momentos, ações e decisões.

Um dia de desespero você me foi apresentado

Num dia em que não havia a mínima esperança

A mínima perseverança

Na crença de boas relações desenvolvidas em regulamentos de instituições

Mas você em sua unidade<sup>59</sup>

Me mostrou que nunca é tarde

Para arriscar o que ainda não tentamos

E assim apostamos em experiências de outros planos

Decidimos por onde caminhar

Pela necessidade de cada lugar

Eram estruturalmente escolas

Mas em prática eram pessoas que precisavam de materiais para se organizar

---

<sup>58</sup>LAMCE. Experiências com perspectivas libertárias. Laboratório de Arte, Música, Cultura e Educação. UnB, Faculdade de Educação, 2013-2014. passim.

<sup>59</sup>VIGOTSKI, Lev. S. Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico. Apresentação e comentários de Ana Luiza Smolka. Tradução de Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009. passim.

Propomos música

Mesmo com um grupo que não sabia as teorias clássicas europeias

Era música com sentido de autonomia para as possibilidades

Com sentido de comportamento que ultrapassa linguagem

Que nos une em expressão e permite a criação com diversidade

Propomos música

Para entendermos nossas intenções de movimento

Para inventarmos ritmos que acompanhem os quereres do coração

Que protagonizem cada ser que é de ação

No começo eu tinha vergonha ao falar

Também precisava dessa experiência para me emancipar

Evitava tomar posições para não ser autoritária

Mas enxerguei que essa tomada pode ser libertária

Ao ver que outras crianças, de 1 até 1000 anos, além de nós, também propunham nos espaços

Antes não falavam e depois criavam histórias e brincadeiras cantadas

Antes estavam sem Vontade de dar atenção e depois até avisavam no decorrer da atividade do cadarço desamarrado

Antes não achavam que o corpo poderia ser um instrumento e agora batucam sambadas

Nunca foi um lugar, que eram por nós, obrigadas a estar

A porta sempre estava aberta

Inclusive a de dentro para quem só queria observar

E é claro que passamos por momentos difíceis

Mas nos apoiávamos para tentar solucionar

Nossa orientadora se colocava como uma de nós

Levava livros, canções e filmes que nos despertavam o olhar

Para podermos pensar, discutir e planejar

Com carinho e dedicação, na maioria das vezes ela estava lá

Ainda não acredito que instituições são boas, que desenvolvem bons trabalhos

Para mim são as pessoas, com intenções de se desamarrar desses laços arbitrários

Desenvolvendo-se pelo encontro das Ignorâncias em existir

E pensando em desejos a partir daí

## REFERÊNCIAS E INSPIRAÇÕES

ÁLBUNS, Fotografia. Álbuns de fotografia da escritora, 1991-2001 e 2001-2014.

ANTONY, Michel. Experiências utópicas libertárias, sobretudo pedagógicas: “Utopedagogias”. Tradução: Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Expressão e Arte Editora: Editora imaginário, 2011.

ABC, Ativismo. Zine Gestão de espaços autônomos. Copyleft – Distribuição livre. Março, 2014.

BERNARDES, Vitor. Fundão da FE1 e caminhanças de experiências libertárias. UnB, Faculdade de Educação, 2011-2014.

BLACK, Carol. Filme: Escolarizando o mundo. 64 minutos, 2005.

CARVALHO, Helcio de V de Vingança / roteiro Alan Moore / arte por David Lloyd; tradução e adaptação por Helcio de Carvalho, Levi Andrade. - - Brueri, SP: Panini Books, 2012.

DIMENSTEIN, Gilberto. ALVES, Rubem. Fomos maus alunos. 10. Ed. Campinas, São Paulo, Papirus 7 Mares, 2010. 125 p.

FE, GALERA. Fundão da FE1 e caminhanças de experiências libertárias. UnB, Faculdade de Educação, 2011-2014.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.

35. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREUD, S. “O mal estar na civilização”. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

GALLO, Sílvio D. de Oliveira. Educação Anarquista: por uma pedagogia do risco. Dissertação de Mestrado Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1990.

HEIDEGGER, M. Ser e tempo (1927), Partes I e II, tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback, Petrópolis: Vozes, 2002. [Sein und Zeit, Frankfurt AM Main: Vittorio Klostermann, 1977.].

HUXLEY, Aldous Leonard. A ilha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

ILLICH, Ivan. Sociedade sem escolas. Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1979.

\_\_\_\_\_Ao inferno com as boas intenções. (?). 1997.

IMDB. Filme: Louise Michel, A Rebelde. França, 90 minutos, 2009.FF

INFORMAL, Dicionário de Português gratuito para internet. 2006. Disponível em < [HTTP//WWW.dicionarioinformal.com.br](http://www.dicionarioinformal.com.br) > Acesso em: Agosto, 2014.

LAMCE. Experiências com perspectivas libertárias. Laboratório de Arte, Música, Cultura e Educação. UnB, Faculdade de Educação, 2013-2014.

MOSNA, Gabriel. Fundão da FE1 e caminantes de experiências libertárias. UnB, Faculdade de Educação, 2011-2014.

MORGADO, Miguel. Autoridade. Lisboa, Portugal, Fundação Francisco Manuel dos Santos e Miguel Morgado. Setembro, 2010.

NUNES, Leiva. Da Classificação das Ciências à classificação da Informação: uma análise do acesso ao conhecimento. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Disponível em < [http://www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=340](http://www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=340) > Acesso em 22 nov. 2009.

OLIVA, Alberto. 1950 – Anarquismo e Conhecimento. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

PEDERIVA, Patrícia. Da atividade musical e sua expressão psicológica. Curitiba, APPRIS, PRISMA, 2013.

PENSADOR, Gabriel. Estudo, Errado (5min11seg). Ainda é só o começo. 1995.

PLATÃO, A república. São Paulo: Martin Claret, 2007.

PROUDHON, P.J. *“O que é a propriedade?”*. Lisboa, Estampa, 1975.

RANCIÈRE, J. *O mestre ignorante*. Cinco lições sobre a emancipação intelectual. Trad. Lílian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SAGRADO, Antonio. PEREZ, Raul. LIMA, Anderson. Filme: Quando sinto que já sei. 78 minutos, 2014.

SEIXAS, Raul. COELHO, Paulo. Canto para minha morte (3 min 52 seg). LP "Let me Sing my Rock and Roll". 1985.

SOF, Sempre Viva Organização Feminista. Cuidado, trabalho e autonomia das mulheres/Nalu Faria(org.), Renata Moreno (org.). São Paulo: SOF, 2012. 92p.(Coleção Cadernos Sempre Viva. Série Economia e Feminismo, 2).

VIGOTSKI, Lev. S. Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico. Apresentação e comentários de Ana Luiza Smolka. Tradução de Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.